

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Curso de Pós-Graduação - Especialização em
Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar

VANDERLI NOGUEIRA DE MOURA

**AUTONOMIA E CUIDADO NA VIDA EMANCIPADA
DO ESTUDANTE E DO DOCENTE**

MATINHOS – PR
2016

VANDERLI NOGUEIRA DE MOURA

**AUTONOMIA E CUIDADO NA VIDA EMANCIPADA
DO ESTUDANTE E DO DOCENTE**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Paraná – Litoral – Campus Matinhos, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em “Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar” sob a orientação Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim

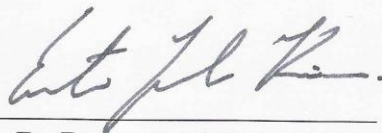
MATINHOS – PR

2016

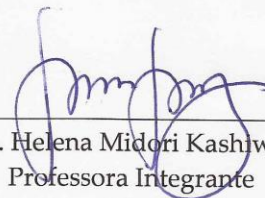
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador Professor **Dr. Ernesto Jacob Keim**, realizaram em 11 de novembro de 2016 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Vanderli Nogueira de Moura**, sob o título "*Autonomia e Cuidado na Vida Emancipada do Estudante e do Docente*", sendo quesito parcial para obtenção do Título de Especialista no Curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 11 de novembro de 2016.



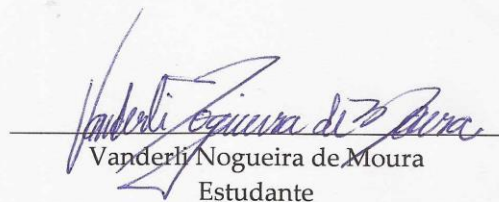
Dr. Ernesto Jacob Keim
Professor Orientador



Dra. Helena Midori Kashiwagi
Professora Integrante



Msc. Neilor Vanderlei Kleinübing
Professora Integrante



Vanderli Nogueira de Moura
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e sabedoria durante esta jornada e em nenhum minuto me deixou sozinha.

Às minhas filhas pelo apoio, pois muitas vezes ficaram ao meu lado nos finais de semana abrindo mão dos momentos de lazer e distração, e pela compreensão às horas dedicadas ao estudo desta pesquisa.

Agradeço em especial aos meus pais, que hoje infelizmente não estão presentes para compartilhar esse momento do qual teriam orgulho, mas acredito que em algum lugar do universo conspiram para que tudo corra bem.

Ao Professor Ernesto Jacob Keim que me orientou e apoiou.

Ao coordenador Professor Almir Carlos Andrade, pela dedicação e apoio.

A todos os professores com imensa gratidão pelo brilhante trabalho, dedicação e respeito.

Aos funcionários do setor Litoral da UFPR, os quais, dos bastidores viabilizam nossa formação.

Muito Obrigada!

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas que acreditam e se dedicam, para viabilizar educação interdisciplinar nos anos iniciais da educação escolar.

EPÍGRAFE

“A educação, qualquer que seja, ela é sempre
uma teoria do conhecimento posta em prática”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 – Introdução	01
2- Autonomia como agente de emancipação da vida	03
2.1 Autonomia como mediação da libertação e emancipação	06
3- O cuidado como agente de emancipação da vida	09
3.1 O amor:	10
3.2 Justa medida:	12
3.3 Ternura diante da vida:	12
3.4 Carícia essencial:	13
3.5 Cordialidade fundamental:	14
3.6 Convivialidade necessária:	14
3.7 Compaixão Radical:	15
4- História de vida docente-discente frente à emancipação da vida	17
5- Autonomia, emancipação e cuidado em contexto de vida emancipada	23
Considerações Finalizadoras	27
Referências	29

Resumo:

Este artigo se caracteriza como trabalho final do curso de especialização em “Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar”, desenvolvido junto ao Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná. Propõem a compreensão de como a autonomia e o cuidado na perspectiva da emancipação humana, figuram como elementos importantes, na formação da criança, seja pela educação doméstica, pela educação nos espaços sociais e pela educação escolar. A pesquisa a que esse texto se referencia, caracteriza-se como processo interdisciplinar, na medida em que a pesquisa bibliográfica, aponta a complexidade que constitui a metamorfose da criança, em adulto, socialmente inserido. A matriz teórica trata da autonomia referenciada em Paulo Freire e do cuidado amparado no que propõe Leonardo Boff. Ela é apontada como possibilidade de desencadear desde a idade infantil, responsabilidade pessoal e social, para que a vida se manifeste como bem inafiançável. Os argumentos que justificam os referenciais de autonomia e cuidado refletem, em parte, aspectos referenciados na história de vida profissional da autora. A finalização do texto, desafia o leitor a identificar como os conflitos e tensões decorrentes da complexa dinâmica educativa escolar, podem se apresentar, como oportunidade para interagir, desde a mais tenra idade, na formação da pessoa como ser emancipado.

Palavras Chave:

História de vida e educação; Autonomia, cuidado e educação; Educação escolar; Emancipação humana e interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article is the final work of specialization course in "Social Question from an Interdisciplinary Perspective", developed on Setor Litoral, of the Federal University of Paraná. It aims to create an understanding over autonomy and care from the human emancipation perspective. Autonomy and care are key elements in child formation wether in domestic education, or for the education made in social and school environment. This research is characterized as an interdisciplinary process and also as a bibliographic research. It points out the complexity that constitutes the metamorphosis of the child in a socially inserted adult. The theoretical framework deals with the autonomy referenced in Paulo Freire's work and with the care based on Leonardo Boff thinking. This framework poses an opportunity to nurture individual and social responsibility since the childhood. In this manner life can manifest itself as an inalienable asset. The subject matter regarding autonomy and care shows some aspects concerning the author's professional life history. The findings shows how the conflicts and tensions arising from the complex educational dynamics can present themselves as opportunities to development, since early age, from a human being to an emancipated being.

Key Words:

Life history and education; Autonomy, care and education; Schooling; Human emancipation and interdisciplinarity.

1- Introdução

A educação escolar e em especial a educação da criança, caracteriza-se como cenário de alta complexidade, tanto pela responsabilidade assumida pelos docentes no que se refere aos conteúdos e posturas que desenvolvem, quanto pela capacidade que a criança tem de incorporar os comportamentos e os conceitos desenvolvidos e propostos pelos docentes. Rudolf Steiner¹ aponta que no primeiro setênio (primeiros sete anos de vida) a criança desenvolve hábitos e posturas, os quais a acompanharão durante toda a vida e no segundo setênio, desenvolve a matriz cognitiva que sustentará o ser que se manifestará na idade adulta.

De acordo com essa premissa o período constituído por esses dois setênios, é fundamental para constituir a personalidade e a capacidade de resolver problemas pessoais e sociais no futuro da pessoa. A pluralidade e diversidade que caracterizam a formação da pessoa amparam-se em múltiplas possibilidades, dentre as quais, este texto tratará, da autonomia e do cuidado. Esses dois aspectos, frente à importância que os constitui, devem ser alvo de atuação dos familiares, dos agentes sociais e em especial, dos docentes durante a primeira fase de formação da pessoa como pessoa, ou seja, durante a infância, caracterizando-se como elementos de interdisciplinaridade, na ação docente e na dinâmica da escolarização.

A organização da pesquisa que dá respaldo à organização deste texto científico-acadêmico tem a história de vida da pesquisadora principal, como elemento de contextualização do texto. Essa possibilidade se manifesta, na medida em que fornece meios para a compreensão da relevância e importância de como a autonomia e o cuidado podem se manifestar no cotidiano da ação docente com crianças em formação. A autonomia referenciada em Paulo Freire e o Cuidado amparado nos textos de Leonardo Boff compõem a base teórica desse texto.

Assim o propósito deste texto é trazer para o cenário de atuação dos docentes das séries iniciais, do Ensino Fundamental, argumentos que sustentem, apesar da complexidade, uma postura de atuação docente, capaz de promover libertação e emancipação da vida com dignidade.

Dessa feita o texto aponta duas vertentes da pesquisa, ou seja, a primeira na qual mostra aspectos do que pode ser caracterizado como autonomia na obra pedagógica de Paulo Freire, com ênfase nas obras *Pedagogia da Autonomia* (1998) e *Educação Como Prática*

¹ Autor do referencial teórico que sustenta a Pedagogia Waldorf.

da Liberdade (1992). Estas obras foram escolhidas pelo fato de seu conteúdo desafiar professores e pesquisadores que buscam meios que viabilizem a autonomia como referencial para promover Emancipação Humana. A segunda vertente traz a abordagem humanista de Leonardo Boff, com foco nas obras Saber Cuidar (1999) e Tempo de Transcendência (2000). Essas fontes apontam o cuidado como elemento a ser desenvolvido pela educação para que a amorosidade e a responsabilidade, inerente ao compartilhar, caracterizem-se como referencial condutor de ações, numa perspectiva radical de Emancipação Humana. Essas duas vertentes têm o propósito de se configurarem como elementos capazes de promover enfrentamento à barbárie, que permeia as relações sociais inerentes ao contexto civilizatório, amparado na matriz colonizadora do euro-centrismo.

Os dados decorrentes da história de vida da pesquisadora e autora desse texto apontam lembranças nas quais ficam patentes ações e tensões vividas para conseguir desenvolver o que aponta como resultado humanístico de sua atuação profissional. Este resultado é apontado na perspectiva da fenomenologia de Wolfgang Goethe, como representativa de um processo de metamorfose, a qual se caracteriza como mudanças profundas, ao ponto de a pessoa não conseguir voltar à condição original, como por exemplo, a borboleta depois de eclodir do casulo, não consegue voltar a ser borboleta (KEIM e BACH JR., 2016).

Assim a metamorfose, manifesta pela complexidade inerente à maturação de cada pessoa, que deixa de ser criança para ser adolescente e depois adulta e mais adiante se caracterizar como idosa, está presente, no contexto desse texto como processo mediado pela autonomia e cuidado. Essa dinâmica é inerente à dinâmica educativa com a qual a pessoa se formou e atuou, considerando as ações, desafios e atividades escolares sofridas como estudante, como docente e como pessoa inserida na sociedade, com as quais se percebe emancipada e em processo de emancipação permanente.

A opção por dados referenciados na história de vida da autora, com infância vivida em região praiana, com família inserida em comunidade de pescadores tradicionais e na lembrança do processo docente desenvolvido durante 24 anos ininterruptos, nos primeiros anos do ensino fundamental, tem o propósito de apontar como a intensificação, sensibilização e ritmo, propostos pela metodologia científica amparada na etnografia e na fenomenologia são inerentes e decorrentes de processo que promove autonomia e cuidado com o propósito de viabilizar Emancipação Humana (KEIM e BACH JR., 2016).

A complexidade inerente a essa possibilidade, aponta o desafio constante, inerente à opção de, com responsabilidade, exercer o magistério como processo que interage na formação de humanos emancipados e libertos.

2- Autonomia como agente de emancipação da vida

Apesar de Paulo Freire ser considerado pela UNESCO como o educador do século XX, existe em nosso meio, um preconceito de matriz ideológica, segundo o qual essa postura educativa, é tida como algo capaz de alterar o rumo do que caracteriza a divisão da sociedade em classes sociais. Essa divisão com suas fronteiras e limites, é desafiada por Paulo Freire ao denunciar que essa lógica excludente e sectária se mantém e se consolida por meio da educação escolarizada. Assim, evidencia a possibilidade de ruptura da tradição de dominação e desumanização inerente ao contexto civilizatório vigente.

Dessa forma a Pedagogia Freiriana se caracteriza como desafio ao que está estabelecido, ao propor que durante a formação educativa e escolar das pessoas se desencadeie, motivação e engajamento para a autonomia como agente de libertação das possibilidades de desumanização a que as pessoas estão sujeitas pela lógica individualista e competitiva vigente.

Dessa forma as mudanças efetivas, caracterizadas como metamorfoses nos comportamentos e ações humanas se mostram, como algo significativo para cada pessoa, em si, como processo absolutamente individual. A metamorfose a que esse texto se refere, na perspectiva de formação humana é diferente das metamorfoses próprias aos sistemas biológicos, pois dependem da aceitação consciente de cada pessoa. Essa posição mostra a necessidade de a pessoa estar conscientizada do que pretende, bem como da relevância e importância do processo que se anuncia como gerador de mudanças efetivas.

Essa conscientização, por si só, mostra-se como um desafio, que implica em mudanças ao que já está estabelecido e posto como definitivo e confortavelmente instalado. Assim, na dinâmica educativa a metamorfose se mostra como algo que amplia consideravelmente a responsabilidade dos profissionais da educação, apesar dessa dimensão, com base na convivência cotidiana nos ambientes escolares, estar muitas vezes invisibilizada, por inúmeros e complexos fatores que os desencadeiam. Esses fatores apontam, possivelmente, causas que fazem com que muitos profissionais da educação, tenham assumir a responsabilidade manifesta pelo que caracteriza a autonomia e o cuidado, no contexto da formação humana.

O não se responsabilizar com as consequências decorrentes de uma formação inicial deficiente em fatores que promovem dignidade e emancipação da vida, pode ser atribuído tanto por não ter sido esse, o foco dado na formação dos educadores, quanto pelo fato de a formação do educador como pessoa se caracterizar como reflexo da matriz ontológica,

possibilitada pelo meio social, em que se deu a formação do educador como pessoa, conforme Georg Luckács, em sua obra *Ontologia do Ser Social*.

Cabe destacar também a ideologia estatal cerceadora de liberdade e autonomia dos educadores, em nome de diferentes argumentos de controle, faz do magistério uma ação mediada por burocracia que ideologicamente, promove educação muito mais num viés conservador, o qual dificulta ações pessoais dos docentes para desenvolver ação educativa mais crítica e criativa, portanto desafiadora ao que está estabelecido.

Esses controles se desenvolvem numa procura do que é certo e errado e também adequado, conforme os interesses das autoridades educacionais e mesmo pela constituição da dinâmica escolar, com suas grades e planos de aula e de curso, muitas vezes mais restritivos do que geradores de possibilidade de ação independente. Esses controles fazem da educação escolar, um processo bastante desafiador para quem se coloca como defensor de referenciais de educação, que promovam mudanças e gerem desafios ao que está posto pela tradição e pela postura conservadora de a educação escolar se caracterizar, como possibilidade fechada de reprodução social.

É nesse cenário desafiador que a obra literária de Paulo Freire se caracteriza como algo que promove inquietação, entre outros aspectos, segundo Ernesto Jacob Keim (2016), pela posição educativa e pedagógica, não se constituir como processo metodológico, mas como postura consciente de relação interpessoal, intercultural e interétnica. A ruptura da visão tradicional da educação como método, ganha com esse autor, a dinâmica de processo de natureza política, pelo fato de tratar a educação como dinâmica que é permeada por forças e poderes, sendo por isso uma ação política. É política, na medida em que mostra a necessidade das pessoas terem consciência crítica, das forças e poderes que sofrem e também exercem, no decorrer de suas relações sociais, interpessoais e interinstitucionais debatendo-as e responsabilizando-se pelas ações decorrentes conforme Ernesto Jacob Keim (2011).

Essa posição mostra que todas as ações humanas se caracterizam como ações políticas, as quais promovem libertação e autonomia, ao superar o que gera e promove opressão ou que promovem restrições e dependência ao fortalecer e consolidar ações caracterizadas como posturas geradoras de barbárie e miséria.

Nessa perspectiva de superação e não de eliminação, cabe destacar que oprimido é aquela pessoa que teve sua humanidade roubada ou vilipendiada. Essa posição aponta, segundo Paulo Freire, como oprimido, aquele que sofre agressões e supressões físicas, mas também aquele que sofre supressões sociais, políticas e psicológicas. Curiosamente Paulo Freire mostra que oprimido também é aquele que promove os atos caracterizados como de

barbárie, pelo fato dessa pessoa estar sem o respaldo de aspectos que caracterizam sua humanidade. Assim, oprimir é roubar e vilipendiar a humanidade das pessoas e das instituições possibilitando que a barbárie, manifesta por geração de miséria, morte e dor, seja algo presente no contexto civilizatório no qual interagimos.

Nessa perspectiva se destaca a identidade da pedagogia de matriz freiriana como proposta educativa referenciada na categoria da autonomia, na medida em que promove, pela educação, a significação dela ser a compreensão pessoal da responsabilidade social e coletiva, decorrente de seus atos, desejos e relações que envolvam forças e poderes.

Assim, podemos considerar a libertação e a autonomia como referenciais esperados da dinâmica educativa referenciada em Paulo Freire. Temos então libertação, conforme Ernesto Jacob Keim (2011) como ação capaz de alcançar o estado de “*libertas*”, entendido como a plenitude humana, a qual pode ser alcançada e tratada na dinâmica educativa escolar, quando as ações e atitudes docentes, estiverem permeadas pelos propósitos de revitalizar a humanidade que foi roubada e vilipendiada.

Essa ação se caracteriza como algo a ser identificado na postura do docente e do discente, sem que se constitua em um conjunto de aspectos comportamentais esperados, pois cada caso se caracteriza como um caso específico e particular. Isso mostra que a libertação é um processo individual, que vai do individual para o coletivo. Dessa forma a atitude docente, que amplia a perspectiva de respeito próprio, e de elevação da autoestima de cada estudante se dá, na medida em que promove capacidade do estudante perceber criticamente, como se constitui e se constituiu a humanização e a desumanização no decorrer de sua história de vida.

Essa matriz teórica se manifesta como referencial para conduzir este texto, com base em aspectos filosóficos, antropológicos e sociológicos referenciados na história, de forma a contribuir para a compreensão, de como ações docentes no início da escolarização, podem promover formação humana, caracterizada como de libertação e de autonomia, ou de submissão e alienação.

Para atender a esse propósito maior, apontamos a seguir uma síntese, decorrente de pesquisa bibliográfica, que referencia o que vem a ser libertação e autonomia, na obra de Paulo Freire, para depois, entre outras possibilidades, investigar a partir dessa primeira parte, em que medida a ação docente se manifesta como portadora de libertação e/ou autonomia na formação da pessoa, seja ela discente ou docente.

Assim, segundo Ernesto Jacob Keim (2012), a autonomia pode incorporar compreensão, de que a atitude pessoal (auto) se caracteriza como reponsabilidade com o coletivo, ao desencadear ações (nomia) no trato social. Partindo da posição, de a autonomia

se caracterizar como ações promovidas pelos humanos conforme sua decisão, opção e determinação, cabendo destacar que essas ações, podem ser tanto a favor, como contra a integridade da vida. Essas considerações apontam aspectos indicativos de ações caracterizadas como de autonomia, as quais, na vertente freiriana se constituem como respeito, responsabilidade e valorização incondicional da vida.

2.1 Autonomia como mediação da libertação e emancipação

Desta forma, autonomia quando se refere à ação mediada pelo professor com seus estudantes, na abordagem freiriana, pode se caracterizar como as posturas indicadas a seguir, as quais estão acompanhadas de comentários recolhidos na história de vida da autora e pesquisadora deste texto. Assim a autonomia conforme Paulo Freire (1998), na docência se manifesta como...

- ✓ ...serenidade e amorosidade diante dos desafios.
A autonomia ao organizar ações de docentes com serenidade e amorosidade, contribui para superar dificuldades e romper a postura confortável de lamentação. O docente com autonomia assume posição emancipada e determinada de enfrentamento, dando exemplo de superação e garra. A autonomia e a emancipação se desenvolvem também quando a serenidade e a amorosidade compartilhada pelo coletivo, com que interagem os docentes, contribuir para a superação do estresse causado por deslealdade e pelas pressões e forças que os impelem a uma condição de esgotamento físico e mental. Nesse contexto a autonomia e emancipação se dão com a superação, serena e amorosa, da falta de formação adequada, ou da falta de vocação, ou ainda da falta de tempo, oportunidade e também vontade política para se aprimorar.
- ✓ ...com justa raiva quando a liberdade e a integridade da vida é ameaçada.
A autonomia amparada na Justa Raiva freiriana, pode, entre outros aspectos, manifestar-se contra a burocratização e a postura famigerada de distribuir, os cargos que determinam os rumos da educação, entre meros apadrinhados, partidários e submissos, aos postulados de dominação e alienação, que naturalizam as dificuldades, e impedem os movimentos, que desafiam o poder estabelecido. Autonomia manifesta pela Justa Raiva se caracteriza como ações e posturas assumidas contra o cenário que alimenta a barbárie e a opressão, geradoras de mortes e mutilações físicas, mentais e afetivas, as quais negam a liberdade e ameaçam a integridade da vida em todas as suas complexas dimensões.
- ✓ ...como autoridade democrática e fraterna ao lidar com o poder.
A autonomia se manifesta quando o docente assume seu fazer, partindo da compreensão de a autoridade democrática se caracterizar, como uma delegação que implica em ações conscientes de que o poder, pelo qual responde, lhe foi delegado por um grupo, ao qual representa, para atender aos interesses, à integridade e ao bem estar desse coletivo. Essa autoridade representativa se caracteriza como autoridade democrática, na medida em que atende ao coletivo da vida visando

respeito aos diferentes para superar as diferenças que denigrem a vida. Essa condição implica em saber que autoritário é aquele que recebe uma delegação e a utiliza a favor de si e de seus parceiros, partidários e associados.

✓ ...com base em postura dialógica.

A autonomia como postura dialógica depende fundamentalmente da humildade do docente. Humildade que se caracteriza como reconhecimento, de que todos são capazes e detentores de saberes em diferentes níveis, portanto, o diálogo eleva a todos, valoriza as diferenças e reconhece os diferentes, como agentes da diversidade e da pluralidade. É a manifestação da alteridade para enunciar a autonomia e a emancipação.

✓ ...mediando o vir a ser, no tempo de cada um, reconhecendo saberes e virtudes.

A autonomia como respeito ao tempo de cada integrante do processo educativo se manifesta, com especial destaque, nas atividades e nas ações dos docentes que alfabetizam e desenvolvem seus conteúdos no início da escolarização. Essa atividade exige especial atenção e respeito ao tempo de cada um dos estudantes, com suas potencialidades e contextos de vida. A autonomia e a emancipação como processo pedagógico-didático, são identificadas como potencial de formação, nas posturas dos demais docentes, que percebem o contexto social e familiar com o qual atua, para, de forma amorosa e atenta, permitir que o tempo complexo de cada estudante, contribua para alcançar a formação e a aprendizagem desejada.

✓ ...com foco na substantividade da dignidade para superar a superficialidade.

A autonomia como consciência de as pessoas serem capazes de reagir à opressão, desenvolve-se na medida em que elas reconhecem que estão na condição de sujeitas com substantividade. Substantividade entendida como identidade, na medida do quanto cada pessoa se envolve e se reconhece envolvidos com a dinâmica coletiva e social, em seus múltiplos níveis. A pessoa consciente de sua identidade como sujeito, vence e supera a condição de sujeitado, colocando a superficialidade em cheque, na medida em que derruba seu principal sustentáculo, ou seja, a alienação e a consciência romântica, ingênua e asséptica, nas quais se sustentam a opressão e a barbárie, responsáveis por roubar e suprimir a humanidade dos humanos, gerando e promovendo a opressão a sujeição.

✓ ... lendo e interpretando o mundo, superando a ignorância pela alegria e esperança

A autonomia se manifesta como inserção do docente e das pessoas como cidadão do mundo, numa perspectiva de cidadania planetária, o que implica na ruptura sistemática de fronteiras e muros, de forma que a ignorância, seja entendida como descaso frente ao que gera miséria e opressão. Assim a autonomia e a emancipação se dão com a superação do desânimo e da apatia, pela alegria que incorpora o belo e o harmonioso de Schiller (1990), expressos, como graça e dignidade e manifestos, como surpreendente e inusitado. Nesse cenário a autonomia e a emancipação também se dão, pela esperança que vem do verbo esperar e não do verbo esperar, segundo Paulo Freire.

- ✓ ...consciente do poder que sofre e exerce, para tornar-se sujeito livre.
A autonomia implica na consciência crítica exercida de forma a superar a consciência ingênua, romântica, alienada e asséptica, ao se referenciar aos poderes que sofre e que exerce. Essa superação é requisito fundamental para alcançar a condição de sujeito livre, com potencial libertador com criticidade. É importante entender criticidade como a capacidade de argumentar com base confiável e segura. O docente com autonomia e emancipado não se deixa intimidar pelo poder estatal e institucional, pois sua responsabilidade com a liberdade, está agregada à integridade da vida e não aos pequenos redutos de fama e poder instituídos pelas organizações sociais.

- ✓ ...indignando-se diante da desumanização, das injustiças e das discriminações.
A autonomia amparada em Paulo Freire se caracteriza também, como capacidade de indignar-se contra a naturalização. A naturalização é combatida pela historicização e é superada na medida em que a pessoa age de forma corajosa e crítica, na denúncia e anúncio libertador. A liberdade como direito de escolha e a libertação como ação para fortalecer e estabelecer esse direito, se manifesta na ação do docente emancipado, o qual tem a capacidade de desinstalar e derrubar ações que desumanizam. Para alcançar liberdade e promover libertação é fundamental a consciência de a sociedade é regida por leis e regulamentos as quais foram criadas e promulgadas para defender interesses de classes e grupos dominantes. O direcionamento jurídico da sociedade gera direitos para aqueles que são beneficiários, mas se esses direitos forem restritos a poucos, promovem barbárie e morte para os não beneficiados. Assim, justiça e direito são duas expressões antagônicas e complexas, de forma que o docente com autonomia e emancipado deve se apropriar do significado profundamente político e ideológico dessas expressões.

- ✓ ...inserindo-se na história social para alcançar a identidade do grupo.
A autonomia do docente implica em sua inserção na história da sociedade e do grupo com o qual atua. Nessa postura é essencial o desenvolvimento de curiosidade epistemológica e ontológica para alcançar um grau de conhecimento da identidade do grupo. A curiosidade epistemológica se caracteriza pela consciência de cada pessoa estar inserida no Cosmo, em contexto de eternidade e infinito, para a compreensão dos sentimentos e sentidos que promovem o Eu Sou, Tu És e Nós Somos, perguntando de onde vim e para onde vou e constatando como somos para projetar como seremos, com base numa identidade planetária e cósmica, capaz de romper fronteiras que discriminam e mutilam. A consciência da história e da identidade contribui sobremaneira para derrubar muros que separam e segregam.

- ✓ ...promovendo a ética universal que supera o autoritarismo e a licenciosidade.
A autonomia do docente se constitui na ação educativa pela forma como ele age como pessoa comprometida com a vida plena. Ética numa perspectiva da libertação e autonomia se ampara na palavra *ethos* que representa o esteio que sustenta esticada a lona das barracas de povos nômades, segundo Cesar Nunes (apud KEIM, 2011 p.5 e 6). Metaforicamente a representação de *ethos* como esteio da barraca, significa o que mantém a personalidade dos humanos de forma a ter a vida com

dignidade, como referencial maior, na condução de suas ações sociais e relacionais. Assim, a autonomia e a emancipação se dão quando a pessoa e o docente, no contexto tratado neste artigo, conseguem manter em sua docência, postura ética radicalmente a favor da vida, como meio de superação de autoritarismos e da lógica do vale tudo. Cabe lembrar que autoridade é o poder exercido com base nos interesses coletivos estabelecidas por quem delegou o poder e autoritário é quem utiliza o poder delegado para atender aos interesses particulares. A lógica autoritária se caracteriza segundo Paulo Freire como licenciosidade o que, no contexto da educação escolar, se manifesta como ação degradante e despudorada, exercida por pessoas, a quem foi outorgada a responsabilidade de ser autoridade, ao utilizar o poder delegado como palanque ideológico, curral eleitoral e chantagem discriminadora, por meio da concessão de cargos comissionados, por exemplo, a pessoas apadrinhadas sem competência para exercer com integridade determinados cargos e funções de poder.

Essa reflexão amparada em 11 manifestações freirianas de autonomia, aponta como a docência pode se caracterizar como agente de autonomia e emancipação da vida como via de superação da barbárie, que permeia e constitui o contexto civilizatório eurocêntrico e mercantil no qual atuamos. O contexto de matriz colonial e colonialista constituinte da realidade social e política na qual estamos imersos, valoriza a naturalização e se rebela contra a historicidade; valoriza a competitividade e a acumulação individualista e nega a responsabilidade coletiva, plural e de alteridade, que referenda a reciprocidade e a interação permeada pela dignidade; e valoriza a perpetuação das forças e poderes que promovem, segundo Paulo Freire, a ordem capitalista vigente, que inventou a aberração da miséria conviver com a fartura e negam o desenvolvimento de consciência crítica capaz de questionar e combater o que gera a barbárie que perpassa nosso cotidiano discriminador.

3 O cuidado como agente de emancipação da vida

Leonardo Boff é um intelectual e teólogo brasileiro que tem sua obra voltada para a sustentabilidade da vida com dignidade e amorosidade e é nessa perspectiva, que ele aponta o cuidado como um dos princípios referenciais para manter a vida planetária nos limites de plenitude a que todos os viventes são merecedores. Com esse propósito ele debate o cuidado a partir de sete pontos considerados por ele como fundamentais para a emancipação da vida e enfrentamento com a barbárie.

Segundo Boff o cuidado é essencial nas relações desenvolvidas pelos humanos na medida em que intervém e modificam o mundo que não é estático, pronto e acabado, mas

se encontra em permanente estado de eco-reorganização² (KEIM, 2011), de forma que o cuidado é apresentado, como um estado caracterizado como constante “estar sendo”. Nesse sentido esse texto traz alguns aspectos referenciados neste autor para promover a necessária busca de elementos, que apontem como o cuidado é agente de mediação para avaliar e pesar as consequências das ações humanas, considerando a complexidade das interações que constituem a vida.

A emancipação da vida foi tratada no item anterior como agente referenciado na autonomia, tendo Paulo Freire e os dados da história de vida profissional da pesquisadora e autora principal deste texto, para evidenciar a possibilidade de a autonomia ser referencial na formação da criança. Esse propósito se efetiva na expectativa de organizar meios e possibilidades capazes, de ampliar a capacidade escolar de formar pessoas emancipadas e libertas. Para tal a Pedagogia Freiriana se caracterizou, neste texto, como referencial para a atuação dos docentes das séries iniciais da escolarização.

Com essa base inicial este texto se direciona para o cuidado, tendo como suporte teórico as obras de Leonardo Boff, o qual está inserido no contexto da educação, com o que se convencionou chamar Pedagogia do Cuidado. A Pedagogia do Cuidado é uma expressão proposta por um conjunto de pesquisadores, pelo fato de Boff não ter uma obra intitulada especificamente como pedagogia ou educação, apesar de em todos os seus escritos, esses serem elementos condutores dos textos, dos argumentos e das inéditas proposições que esse intelectual inusitado, oferece ao mundo acadêmico, voltado para a emancipação da vida com dignidade.

Assim, trataremos nesse item de sete referenciais de cuidado, sendo cada qual debatido na perspectiva de como o cuidado interage com os dados referentes à percepção da vida escolar apontados pela pesquisadora, como docente e também como estudante. Os sete referenciais de cuidado são: o Amor; a Justa Medida; a Ternura Diante da Vida; a Carícia Essencial; a Cordialidade Fundamental; a Convivialidade Necessária; a Compaixão Radical:

3.1 O amor:

Boff, aponta o amor como algo inerente a toda a dinâmica da natureza, onde se verificam dois tipos de acoplamentos dos seres animados, com seu meio vivo e não vivo,

² A perspectiva de eco-reorganização, proposta por Keim em 2011, é fruto de debates no grupo de pesquisa EDUCOGITANS e aponta que todos os processos cósmicos, planetários e pessoais se caracterizam como dinâmicas conduzidas pelas diferentes estruturas e sistemas que compõem tudo que forma o cosmos e a vida como decorrência mais sofisticada desse processo. A complexidade incorpora esse conceito pois ela aponta a simultaneidade de relações, gerando uma permanente condição de incerteza e inacabamento. A perspectiva eco-reorganizativa se sustenta nas teorias do Caos, da Complexidade, da Quanta, do Acaso e da Relatividade.

sendo um caracterizado como necessário e outro como espontâneo. O acoplamento necessário ocorre como interconecção de todos, como parte da dinâmica eco-reorganizativa já destacada, e o acoplamento espontâneo se dá na medida em que os seres interagem, por puro prazer, sem foco exclusivo de sobrevivência, sendo movidos por vontade e desejo. Essa independência faz do acoplamento espontâneo, um elemento e agente da condição humana que é dinâmica, recíproca e gratuita.

Na forma humana o amor, apresenta-se como um projeto de liberdade que acolhe conscientemente o outro e cria condições para que se instaure, como um alto valor da vida, na medida em que se considera a pluralidade e a complexidade das relações empreendidas pelos humanos.

Pelo amor, o social se manifesta como abertura na convivência e na comunhão com o outro. É pelo Amor que se pode atribuir a primeira sobrevivência humana, na medida em que nossos ancestrais partilhavam entre si os resultados da caça e da coleta, compreendida também como partilha de afetos, com suas dores, alegrias e esperanças. Esse dinamismo de afeto compartilhado, como amor primordial, desenvolveu-se na linguagem e na domesticação de animais e vegetais, caracterizados como conhecimentos característicos do fenômeno humano. Essa perspectiva de partilha é destacada por Ernesto Jacob Keim (2011) ao citar Boff, quando ressalta que ao contrário do que já nos fizeram acreditar, não foi pela competição, mas pela capacidade de interagir que a relação forte e fraco perdeu significado na questão da sobrevivência animal.

Essa condição de sobrevivência compartilhada se conserva e existe por conta do cuidado, pois sem amor não haverá um terreno onde possa florescer o que verdadeiramente humaniza: o sentimento profundo, a vontade de partilha e a busca do conhecimento que promove emancipação coletiva e planetária.

Dessa forma a chegada ao nível humano da contemporaneidade, mostra que o amor se amplia e se revela como força de agregação, de simpatia e solidariedade, por meio da linguagem amorosa. Essa dimensão, que une e recria sentimentos de querer bem ao outro e de pertencer a um mesmo destino, como caminhada histórica se manifesta na forma de alegria e explosão de sentimentos luminosos, quando, por exemplo, numa escola pública e periférica, os adultos oferecem às crianças, festas amorosas e receptivas, nas quais elas são centro e foco.

O amor como elemento do cuidado primordial, deve permear em todos os níveis a dinâmica escolar, de forma a romper: o espírito competitivo e individualista, promovido pela arquitetura dos ambientes, enfileirados, rígidos e lineares; as grades curriculares, regimentos e normas determinadas e não estabelecidas por consenso e debate democrático

e também romper a consolidação das divisões em classes sociais e étnicas, mediadas por sentimentos de superioridade e reserva de poder, que obscurecem a alegria e a espontaneidade.

3.2 Justa medida:

Esta atitude constituinte da perspectiva de cuidado, defendida por Boff, reporta à questão das discrepâncias impostas pela ditadura econômica, que impera em todas as relações humanas, inseridas no contexto capitalista e eurocêntrico. Essa forma de poder autoritário e excludente rouba as pretensões humanas do sentido profundo da convivência e das relações produtivas, como realização para o ser se manifestar, mais humano. Trata-se de “quanto de cuidado devemos incorporar para resgatar o equilíbrio perdido? Essa é uma questão fundamental para a teoria e a prática” (BOFF, 1999, p. 112).

O alerta sobre os vários sentidos de medida que encontramos pode ir desde as áreas exatas até às religiões, porém é no campo da ética que a medida encontra sua importância axial. É a justa medida que tem a prerrogativa de encontrar o “ótimo relativo”, como ponto de equilíbrio, que corresponde à equivalência (KEIM, 2016) entre aspectos contraditórios. Por um lado, a medida como limite, faz nascer a vontade de ultrapassá-lo, e por outro, promove a capacidade de usar de forma moderada potencialidades naturais, sociais e pessoais, para que possam durar e reproduzir-se. Isso só é possível quando se estabelece que equilíbrio, como equivalência de forças contrárias se caracteriza como justa medida. “A justa medida se alcança pelo reconhecimento realista, pela aceitação humilde e pela ótima utilização e compreensão dos limites, conferindo sustentabilidade aos fenômenos e processos, constituintes da Terra, das sociedades e das pessoas” (BOFF, 1999, p. 112).

Com essa abordagem a instituição escolar como representante significativo da educação, deixa de cumprir o atributo da Justa Medida, quando as pessoas são avaliadas e classificadas segundo padrões pré-estabelecidos, sem considerar a diversidade, que caracteriza cada um, no conjunto de seres humanos, constituintes do grupo e/ou coletivo em foco. Nesse conjunto, cada qual está e é inserido em sua complexa dimensão ontológica de humano, que tem biologia, psicologia, sociologia e transcendência que o caracterizam como único, portanto incomparável, com outros que apenas se assemelham. (KEIM, 2011)

3.3 Ternura diante da vida:

A ternura emerge do próprio ato da vida, na coexistência, na convivência e na comunhão com tudo que nos cerca. É mais do que um sentimento. A ternura irrompe quando o sujeito sai de si mesmo, na direção do outro, sente o outro com o outro e participa de sua existência. A relação de ternura, por ser livre de dominação e de vantagens, não

envolve angústia. É a força própria do coração no desejo profundo de compartilhar caminhos. É a alegria, o choro e o gozo verdadeiro que brotam da essência profunda, decorrentes da conexão e da interação.

A ternura é dessa forma um sentimento movido pelo coração e não pelo cérebro. Não é certinha nem geométrica, ela é essencial. A ternura desafia a vida moderna toda programada e organizada, pois se manifesta como compreensão das contradições dominantes na modernidade, amparada no vazio da cultura espetacular e espetaculosa, repleta de sensações, mas sem possibilitar experiências profundas de sentimentos geradores de encontro e cuidado para com a vida. Na ternura os sentimentos predominam sobre os sentidos e a sabedoria predomina sobre os conhecimentos.

Na educação escolar e em especial na formação dos professores a ternura deveria ocupar lugar de destaque incontestável. Essa pode ser uma fórmula para eliminar o descaso, o desânimo e a falta de pique para ser docente por inteiro.

3.4 Carícia essencial:

A carícia é para Boff, a expressão máxima do cuidado, quando se transforma numa atitude, num modo de ser que qualifica a outra pessoa em sua totalidade, na psique, no pensamento, na vontade, na interioridade e nas relações. Distingue-se da pura excitação psicológica e de um querer fugaz do outro.

O toque, o afago, o acalento, a quietude na relação, como expressão física da carícia, revela mais que um ato de carinho. A Carícia é um modo de ser carinhoso próprio do humano, com sua natureza mais profunda e não apenas com o ego superficial da consciência. A Carícia é assim, a essência do humano que está e é humanizado, e se sente e age, com foco que transcende o seu entorno, na medida em que seu horizonte é a humanidade como um todo, conforme Ernesto Jacob Keim (2016).

A carícia é a manifestação concreta do afeto, do cuidado e da ternura. Ela se materializa com as mãos, com o rosto e com todo o corpo, mas as mãos que acariciam batem, os rostos que sorriem também ofendem e magoam e o corpo que acolhe também rejeita e oprime. Ser agente de carícia é saber fazer com que as mãos, o rosto e o corpo sejam agentes de sementeira, da beleza e da fartura, e não meros agentes de poder que discrimina e promove barbárie. Mãos, rostos e corpos que promovem carícias viabilizam a beleza e o encontro com a essência, por isso é essencial, pois a Carícia Essencial é revestida de paciência e consciência, que toca para unir e curar. (KEIM, 2016)

A Carícia essencial na escola implica em rejeitar as autoridades que manipulam e governam com as mãos sujas de submissão e autoritarismo, que escondem com seus rostos mascarados, a vergonha de seus gestos e que fantasiam seus corpos com indumentárias de

poder, que disfarçam as posições anti vida que adotam em defesa de seus favorecimentos. A infância não merece tanta indignidade, hipocrisia e barbárie.

3.5 Cordialidade fundamental:

A Cordialidade é Fundamental para fazer valer os referenciais e as matrizes dos valores que ressoam do mais profundo de cada pessoa, ou seja, a dimensão daquilo que realmente é importante e identifica o ser humano, como humano sintonizado com a plenitude de seu potencial de beleza e bondade. É a relação com os fatos, e com o que eles produzem de significados, para enaltecer as metamorfoses que fazem reluzir a essência da vida.

Os fatos do cotidiano de cada pessoa são movidos e carregados de valores, mas é a cordialidade, que faz esses acontecimentos cotidianos se manifestarem como algo que faz sentido com o sagrado de cada ser.

Dessa forma a cordialidade exige que as pessoas descubram e tomem consciência de sua essência de bondade, para que exista solo fértil para propagar e para desfrutar das relações que caracterizam seu cotidiano social e político. Político, pois a cordialidade implica na responsabilidade e consciência crítica do que cada humano, faz com as forças e poderes que sofre e exerce, caracterizando-as como valores que dignificam a existência humana no cosmos.

A educação é então um caminho seguro para promover a consciência do que cada ser, é como ser humanizado que confronta o contexto espetaculoso promovido pela mídia que vulgariza a bondade e aponta como vergonhosa a vida virtuosa. A formação do docente na perspectiva da cordialidade, implica dessa feita, em um movimento que enaltece o belo e o sublime, manifesto por Friedrich Schiller (1990).

3.6 Convivialidade necessária:

A Convivialidade à qual Boff se refere, diz respeito à absoluta e urgente necessidade de um contraponto às duas grandes crises da atualidade: a do processo industrialista e da crise ecológica. O processo industrialista assassina a criatividade e a fantasia do trabalhador, pois dele só quer se utilizar da força de trabalho. Esse processo produtivista, sem escrúpulos favoráveis à vida, fez surgir e alimenta, uma sociedade de aparatos, subordinando o ser humano a essa complexidade degradante e degradadora. Com a promessa de eliminar o trabalho escravo, o trabalho remunerado se revela como processo sem alma. Nessa dimensão a crise ecológica acusa os sistemas produtivos de anti vida, ao se considerar que, para manter vivo o processo industrial e mercadológico, alimenta a necessidade de produzir cada vez mais objetos descartáveis, que são, como lixo potencial.

A Convivialidade busca a organização de procedimentos e posturas que combinem o valor técnico da produção material com o valor ético da produção social e espiritual. É o desenvolvimento de uma economia das qualidades humanas, na qual os valores humanos de sensibilidade, de cuidado, de convivialidade e de veneração, possam impor limites à voracidade do poder-dominação e da produção-exploração. Essa dinâmica anti vida e colonialista, imposta pelo processo industrialista e de mercado vigentes, deve ser debatida para ser conscientizada como algo a ser superado, conforme exorta Leonardo Boff em suas publicações, sem perder, contudo, a ternura como exalta Ernesto Che Guevara.

A disseminação do que é descartável, com curta durabilidade e baixa permanência na lembrança, podem contribuir para as pessoas sentirem esse processo como algo natural. Dessa forma o descarte passa a figurar como uma perspectiva pela qual os humanos sejam considerados como algo facilmente substituível, com invisibilidade programada e com baixa memória histórica, admitindo como decorrência a possibilidade de aceitar naturalmente sua condição de desumanizado.

A Convivialidade é também uma possível resposta à crise ecológica, gerada pelo processo irresponsável de depredação e devastação do Sistema-Terra e de suas organizações. A Convivialidade é a forma pela qual o desenvolvimento de uma matriz civilizacional, situa a vida planetária em contexto no qual ela se ampara no bem-estar da humanidade, pautada na cooperação ética e recíproca entre os povos, e em um mundo sem muros e sem fronteiras.

Para esse novo paradigma de civilização ser atingido, a hegemonia dos modos de produção e da destinação do que é produzido, devem ser debatidos desde a mais tenra idade, e a escola, pode ser o lugar de vivência dessa possibilidade necessária para a manutenção da vida planetária. Ela pode ser o lugar que promove o olhar além de si, para possibilitar a saída de si mesmo, e desencadear o encontro com tudo que está à volta.

3.7 Compaixão Radical:

A Compaixão para Boff se caracteriza como um sentimento sintonizado com a capacidade de compartilhar a paixão do outro, como se fosse a sua própria, conforme sugere a filologia latina da palavra. É uma atitude ativa de sair de si em direção ao outro enquanto outro, para compartilhar com ele alegrias, dores, inércias e euforias próprias dos caminhos que viabilizam a construção de vida integrada como conexões e interação quase que simbióticas.

A atitude de compaixão antes de ser movida por um sentimento de piedade se caracteriza como renúncia da postura e do sentimento de dominação, para de forma

fraterna, construir junto a comunhão, a partir do desumanizado, que é oprimido e sofredor, como ponto referencial para promover inclusão e partilha.

A Compaixão carrega um apelo desenvolvido por inúmeras tradições e organizações humanas que promovem a reciprocidade mais que a solidariedade; a pacificação mais que a negociação de paz; a autonomia mais que a não interferência; a viabilização de ser livre e exercer a libertação mais do que consentir. Assim, a compaixão se manifesta fundamentalmente, por meio do reconhecimento da alteridade, como revelação de formas íntegras de vida com plenitude.

Com esse conjunto de sete elementos constituintes do cuidado, esse texto aponta e provoca e também conclama, para que a educação como é tradicionalmente tratada por meio da escolarização, em nosso contexto civilizatório, no qual o estado, como poder instituído e instalado se caracteriza como agente que delega e determina forças e poderes, mais controladoras e repressoras do que libertadoras, sofra profunda modificação.

Existe a possibilidade de essa condição ser modificada se o sentimento dos docentes frente ao seu fazer cotidiano se revestir de ímpeto de luta, mediado pelo cuidado, para: desencadear processo por meio do qual, culmine com a metamorfose dessa instituição feudal, monárquica e até medieval, para se caracterizar como dinâmica de vida planetária, que alcance e promova a dignidade do que vem a ser humano terráqueo.

Para tal, Ernesto Jacob Keim (2016) conclama que é importante considerar que a autonomia e o cuidado, se convertam em agentes propulsores de emancipação da vida como antídoto ao crescente processo de barbárie contemporânea. Atualmente, diferente dos campos de extermínio desencadeados em diferentes guerras como de Canudos, do Contestado e do Caldeirão no Brasil e no massacre aos povos originários organizados pelos invasores europeus ao adentrar em terras que desconheciam. Mais recentemente a barbárie se sofisticou e se intensificou nas guerras de libertação colonial no continente africano subsaariano, na guerra fratricida no oriente médio e na famigerada guerra dos Balcãs, sem desconsiderar o genocídio ocorrido durante a segunda guerra mundial onde morreram aproximadamente 40 milhões de pessoas sendo 20 milhões de russos. (KEIM, 2015)

Os métodos de barbárie se modificam na medida em atualmente deixa de ferir fisicamente os corpos, não mais derrama sangue, mas o barbarismo se promove por meio de processos manifestos com linguagem escamoteadora das intenções e significados anti vida, ao corromperem as artes, vulgarizando-as para matar sentimentos e emoções, que enaltecem a plenitude de ser humano terráqueo e cósmico. A barbárie também se efetiva com a transmutação das leis em armas jurídicas, que mutilam as mentes e deixam os corpos apenas como objetos manipuláveis, como fantoches produtivos, obedientes e insensíveis.

A educação e os docentes podem, de forma direta, promover mudanças, o que a nosso ver será possível, com o uso das armas que constituem o arsenal do Cuidado, ou seja: o Amor; a Justa Medida; a Ternura Diante da Vida; a Carícia Essencial; a Cordialidade Fundamental; a Convivialidade Necessária e a Compaixão Radical tão vivas, na alegria e espontaneidade das crianças e nas posturas dos humanos que têm a vida mediada pelos propósitos de integridade e emancipação da vida.

4- História de vida docente-discente frente à emancipação da vida

A seguir temos um relato composto pela construção teórica deste texto e o memorial da vida educacional e escolar da pesquisadora principal, que sustenta este artigo, ao destacar como emancipação e cuidado, fizeram parte, como presença e também como ausência, nessa trajetória. Escrever um memorial é como entrar no túnel do tempo, o qual faz lembrar a caminhada realizada na vida, e rever a própria história, sendo simultaneamente prazeroso e desafiador.

A pesquisadora nasceu na cidade de Guaratuba, no Paraná, no ano de 1972, no seio de uma família humilde. Seus pais vieram de Santa Catarina e sobreviveram com recursos advindos da pesca. A mãe cursou até a terceira série do Ensino Fundamental, e o pai iniciou a alfabetização pelo projeto Mobral. Sempre tiveram esperança em concluir seus estudos, mas devido ao trabalho, e à dificuldade financeira, essa realização foi ficando cada vez mais distante e não se realizou, virando motivação para que alguns dos nove filhos alcançassem esse ideal.

Lembro que na minha infância, meus pais, em função das dificuldades financeiras e no esforço para o sustento da família, sempre nos educaram para o não desperdício. Tínhamos vestimentas e alimentos suficientes para atender ao que era necessário. Nesse cenário, embalagens viravam brinquedos, construídos por nós mesmos. A televisão, tinha horário para ser ligada e desligada. Nenhuma lâmpada era acesa sem que fosse necessário. Contudo, o que mais me marcou, foi o hábito de, ao sentarmos à mesa, jamais iniciávamos uma refeição sem antes agradecer o alimento disponível. Com o tempo fui percebendo que aquele ato de agradecimento tinha múltiplos significados. (MOURA, 2016).

Ao transferirem aos filhos este sonho, na medida do possível, deram-lhes meios para ingressar na vida escolar, mais pelo desejo e importância de alcançar condições mais adequadas de vida, do que pelos meios necessários para disputar vagas nas escolas e dar acompanhamento doméstico aos estudos. Eram os ideais freirianos de autonomia e

boffianos de cuidado, presentes naquele lar humilde. Ali no seio daquela, como em inúmeras residências brasileiras, apesar dos moradores ignorarem a existência desses autores, eles deram o testemunho do que referendou e sustentou a produção teórica freiriana e boffiana, pois a produção intelectual se deu, aprendendo como, os humilhados e os oprimidos, recuperavam a dignidade para seu viver. Por isso as obras de Paulo Freire sempre são intituladas com ‘do’ e não com ‘para’, por exemplo: *Pedagogia do Oprimido*; *Pedagogia da Autonomia*; etc....

Apesar desse empenho, dos nove filhos, duas concluíram o Ensino Superior. Os demais não conseguiram completar o ensino médio, mas completaram o fundamental, muitos por terem iniciado uma vida profissional, impelidos pela necessidade de contribuir para a cobertura das despesas da casa. Às dificuldades financeiras para ampliar o nível de escolarização de toda a prole se somava, à dificuldade de deslocamento para outra cidade que possuía os níveis mais avançados de escolarização.

Neste cenário litorâneo, aos oito anos de idade foi matriculada na primeira série do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Dr. de Plácido e Silva, no bairro Brejatuba, em Guaratuba PR, por ser a escola que ficava mais próxima à sua casa. “A escola era muito aconchegante, apesar de pequena, tinha um pátio coberto, onde em dias chuvosos, brincavam de roda, pula corda, amarelinha... também tinha um espaço livre e um campo de areia, onde ocorriam as brincadeiras nos dias ensolarados”. (MOURA, 2016)

Cabe destacar no relato memorial, a recordação do primeiro dia de aula, quando estava extremamente nervosa, e se sentindo muito insegura, mas a professora, com semblante muito sereno, com uma voz suave, passou muita tranquilidade. “Confesso que consegui relaxar, mesmo assim, tinha muito medo de errar e desapontá-la. Minha mãe sempre dizia que professora era como se fosse uma segunda mãe, e que ela não queria nenhuma reclamação por parte dela”. Temos nessa atitude um comportamento docente, que acolhe diversos dos aspectos e referenciais de autonomia e cuidado. “Lembro-me que fiquei doente em um dia de prova, e naquele dia não fui para escola, ela mandou a minha prova, por uma colega de turma, para que eu a fizesse em casa. Fiquei encantada ao perceber o carinho em se preocupar comigo e não me deixar para trás”. Estes são testemunhos de cuidado e confiança, que fortalecem a autonomia e a emancipação humana do estudante e por extensão de sua família.

Acredito que para uma aprendizagem significativa não basta que a professora seja portadora de boas ferramentas pedagógicas, é preciso compreender sua profissão com base numa perspectiva como os itens apresentados nesse texto como foco de construir vínculos

afetivos com seus alunos, os quais certamente contribuirão para superar a barbárie que permeia o contexto social e civilizatório em que vivem.

Mas segundo os relatos desse memorial, no segundo ano esses aspectos tão dignificantes da vida com dignidade foram atropelados, pela postura de uma professora bem tradicional, que centrava sua ação, na consolidação de um poder centrado na exigência e falta de flexibilidade necessária, para compreender que cada estudante, por ser pessoa com história própria, tem tempos e posturas particulares, os quais caracterizam sua personalidade. “Lembro-me que ela mal saía de sua cadeira e de lá ditava o que iríamos fazer. Ninguém se atrevia a falar ou fazer qualquer movimento. Eu simplesmente estremecia e transpirava quando ela dizia que iria tomar leitura”. (MOURA, 2016)

Esse rigor e falta de cuidado com a individualidade de cada criança, para adotar aspectos como a justa media e a convivalidade necessária de Boff, faziam com que aquela criança assustada desejasse “fugir e não via a hora que o tempo passasse, e aquela tortura acabasse. “Não porque eu não tinha o domínio da leitura, mas pelo fato daquele momento me causar um grande desconforto psicológico e que, conseqüentemente, me causava problemas fisiológicos”. (MOURA, 2016)

Fora da escola vem a lembrança de um senhor muito simplório, que às tardes, frequentava a casa e contava histórias inventadas por ele mesmo. As crianças ficavam curiosas e atentas para os relatos mágicos, incríveis, belos e singelos ao ponto de a visita ser sempre aguardada com certa intensidade e curiosidade, nos dias seguintes. “Penso que esse foi o motivo pelo qual comecei a descobrir e a tomar o gosto pela leitura”. (MOURA, 2016). Este exemplo de vida mostra como pode ser desenvolvida emancipação humana e autonomia, fora dos circuitos escolares e dos rigores e padrões massificantes, da academia, que mais engessa do que flexibiliza.

“Ao iniciar a terceira série pedi de presente para minha mãe um livro, porque imaginava-me apreciando a leitura a caminho da escola. Adorava ler em dias chuvosos...” e depois na “Na quarta série, a minha professora nunca sorriu para seus estudantes. Ela mais parecia um iceberg. Que pessoa fria!!!”. (MOURA, 2016). Passadas algumas décadas e essa lembrança ainda está viva, apontando como aquele tipo docente, altamente tecnicista, era carente dos referenciais de cuidado propostos por Boff e de autonomia propostos por Freire. “Lembro-me claramente dos conteúdos e do olhar mortal e congelante! ”. (MOURA, 2016)

Da quinta série em diante, em turmas com professores específicos para cada disciplina, as lembranças escolares mudaram de foco e passaram a vigorar as lembranças da vida vivida. “Não tenho muitas lembranças do restante do curso fundamental, de quinta

a oitava série, apenas que na sétima série eu reprovei. Me apaixonei e dei pouca atenção aos meus estudos. Não me arrependo, vivi um momento muito bom em minha vida e sabia que isso poderia acontecer”. (MOURA, 2016). Esse depoimento mostra como a escola ao se fracionar em partes, capazes de ilusoriamente atentar para aspectos diferenciados dos conteúdos, faz uma ruptura visceral dos seus propósitos de formar pessoas com autonomia, para negar a condição das pessoas como pessoas, e desorganizar os conteúdos, de qualquer possibilidade interdisciplinar.

Essa escola fragmentada, com professores fragmentados, cada qual preso “aos seus quadrados”, acima de tudo ignorava e ignora a natureza humana dos estudantes. Professores que não vêem seus estudantes como pessoas negam a emancipação que cada humano merece, e favorecem a expansão da naturalização frente à barbárie. Autonomia e cuidado como referenciais da ação docente nas séries iniciais e em toda a escolarização, pode significar importante antídoto à barbárie que assola o mundo nomeado como civilizado.

No Ensino Médio, eu fazia o Magistério no período da manhã, trabalhava à tarde em uma loja e fazia Educação Geral no período da noite. E houve dois momentos que marcaram esta trajetória, um deles foi a professora de Língua Portuguesa. Saímos do Colégio com o transporte Escolar para visitarmos uma baleia que havia encalhado na praia. Ao retornar, ela nos pediu que fizéssemos uma redação sobre o que vimos. Muito comovida, fiz uma poesia, lembro-me de um verso: E suas lágrimas rolaram na areia... Toda empolgada fui logo mostrar a ela, então ela leu e me perguntou de onde eu havia copiado... Por mais que eu afirmasse que eu era a autora da poesia, ela insistia em dizer que eu NÃO havia feito. (MOURA, 2016)

Este relato mostra a natureza de uma ação docente que promove o desamor e se pauta na falta de clareza do que pode ser Justa Medida, como referencial de avaliação, garantindo a ausência de Ternura Diante da Vida e a falta de Sensibilidade movida pela Carícia Essencial, deixando de promover a Cordialidade Fundamental, tão importante para promover a Convivialidade Necessária que favorece a Compaixão Radical, propostas por Leonardo Boff em sua Pedagogia do Cuidado.

Comparando o relato destacado acima e os referenciais de cuidado docente, na perspectiva boffiana, pode-se imaginar quantos foram os germens poéticos, abortados pela ação nefasta desse procedimento docente, que reflete o quanto a escola está doente e o quanto, a academia por extensão é daninha à emancipação da vida.

Outro fato que também marcou negativamente a vida escolar da pesquisadora central que motivou esse texto, aconteceu no último ano do Ensino Médio, com um professor de Química.

Ele era extremamente opressor, daqueles que tinham o poder da caneta. Adorava deixar os alunos para Recuperação... Ele dizia aos meus pais que eu era desnutrida. Que audácia!!! No quarto bimestre eu o desafiei, prometi a mim mesma que iria surpreendê-lo. No dia seguinte da Avaliação Bimestral, estávamos na aula de Matemática, quando esse professor de química, chegou e alguns alunos queriam saber suas notas. Ele muito orgulhoso de sua postura, revelava a nota dos meus colegas sem piedade: Você tirou 3, você tirou 2, e assim sucessivamente... Então chegou a minha vez, eu jamais perderia aquela oportunidade e sem medo de ser feliz perguntei: E eu professor, quanto tirei? Ele colocou as duas mãos na cintura e devolveu a minha pergunta: Quanto você acha que tirou? Nesse momento, imediatamente me levantei e falei em bom tom: Eu tirei 10 professor! Ele então falou com ar de derrotado: Muito bem, você tirou dez!!! (MOURA, 2016)

Esse depoimento chocante remete aos referenciais de emancipação apresentados anteriormente neste texto, dos quais cabe destacá-los como referenciais que devem ser reforçados, para que a escolarização seja revestida de maior cuidado e empenho pra promover autonomia geradora de emancipação:

- ...serenidade e amorosidade diante dos desafios.
- ...com justa raiva quando a liberdade e a integridade da vida é ameaçada.
- ...como autoridade democrática e fraterna ao lidar com o poder.
- ...com base em postura dialógica.
- ...mediando o vir a ser, no tempo de cada um, reconhecendo saberes e virtudes
- ...com foco na substantividade da dignidade para superar a superficialidade.
- ...compreendendo o mundo para superar a ignorância com alegria e esperança
- ...consciente do poder que sofre e exerce, para tornar-se sujeito livre.
- ...indignando-se diante da desumanização, das injustiças e das discriminações.
- ...inserindo-se na história social para alcançar a identidade do grupo.

Ao refletir o alcance educativo desses indicadores, podemos apontar com a possibilidade de que, em muitas famílias, esses aspectos estão mais presentes do que nos ambientes escolarizados, na medida em que os pais solicitam empenho dos filhos como estudantes, que se caracterize em responsabilidade. “Na verdade, meus pais não se preocupavam muito com o que poderia ser feito com o conhecimento, mas exigiam responsabilidade”. (MOURA, 2016) É certo que a escola apesar dos deslizes docentes, conta também com muitos acertos, e conta também com todo o processo de socialização, que ocorre naquele espaço, em que a vida em sociedade se manifesta com toda a energia própria de crianças e jovens, que se reconhecem em processo de metamorfose.

Com o passar do tempo, fui percebendo que tudo o que aprendi na escola modificou muito a minha forma de pensar, caracterizando-se como um

desafio constante. Após o término do ensino médio, no qual me formei como professora, meus pais não fizeram mais questão que eu continuasse os estudos. Depois de dez anos, já casada e com filhos retomei a minha caminhada acadêmica. Sentia grande necessidade, pois assim que terminei o Magistério logo comecei a lecionar. Meu sonho virou possibilidade quando a Faculdade ISEPE foi instalada na minha cidade e mais, próxima de minha casa. Era a minha chance!. (MOURA, 2016)

Esse depoimento mostra a importância da interiorização dos cursos superiores, os quais, apesar de todas as falhas e lacunas se revestem de um significado simbólico como de passaporte, que viabiliza caminhadas sociais e profissionais mais abrangentes. Essas possibilidades são acompanhadas de muitos desafios a serem superados pelos estudantes, como o fato de não ter com quem deixar filhos pequenos, não ter dinheiro para pagar as mensalidades e não ter meios para a superação do abismo cultural e social que separa muitas das pessoas, que encontram nesses espaços, alternativas para desencadear sonhos e esperanças acalentados por muito tempo.

Após muita dificuldade e problemas pessoais, pelos quais tive que trancar a matrícula por algumas vezes, consegui me formar em Pedagogia. Atualmente, sou professora da Rede Pública, leciono no Ensino Fundamental I há mais de vinte anos e simplesmente tenho muito orgulho e respeito pela minha profissão. Nessa trajetória profissional me deparei com inúmeras situações, com as quais muitas vezes passei até tarde da noite tentando encontrar respostas e estratégias para melhor atender meus alunos, os quais mais tarde geraram relatos que me foram revelados muito tempo depois, os quais, muitas vezes, desprenderam lágrimas. (MOURA, 2016)

Mais uma vez, um relato de vida, mostra como educar para a emancipação com base no cuidado, gera resultados que engrandecem a vida e nutrem a sociedade, com depoimentos que animam a esperança e a vida, com plenitude e dignidade.

Ainda para debater a questão do cuidado, cabe destacar mais um depoimento do memorial de vida da autora principal deste texto ao dizer que

Porém, nos anos posteriores e no ensino médio, fui percebendo que havia uma visível distorção de valores. Descobri na pele a diferenciação de classes sociais. Sentia que os colegas de dispunham de maior poder aquisitivo, traziam para a escola materiais sofisticados. Mas apesar dessas diferenças, sem nenhum constrangimento, eu utilizava alguns recursos criativos para lidar e diminuir os efeitos do confronto com os conceitos burgueses que ali se estabeleciam, para mostrar que podemos ser mais, mesmo tendo menos, pois nossa capacidade não poderia ser medida por valores materiais. Como enfrentamento, e com espírito de não desperdiçar, por exemplo, o papel que embalava ovos de Páscoa viravam lindas capas de livros didáticos. Essa prática sempre chamava a atenção, e gerava alguns olhares e risos, cada vez que os livros eram manuseados, pelo barulhinho que fazia, mas isso não significava

desconforto na sala de aula, mas mostrava que podíamos ser criativos mesmo tendo poucos recursos econômicos. (MOURA, 2016)

Com essas reflexões, temos que muitos são os problemas a serem superados, mas é interessante evidenciar que as expectativas que movem a organização e publicização deste texto, é de unir o conhecimento e transformar as práticas de ensino, envolvendo a comunidade nela inserida, num cenário em que vigore a emancipação humana e da vida planetária, com base na autonomia e no cuidado, sendo a conscientização e a ação coletiva, a chave para a solução de muitos problemas que eclodem na barbárie, a qual se esconde atrás da “Banalização Do Mal” como alerta a proposição de Hannah Arendt em sua obra.

Considerando então essas posições cabe destacar do memorial mais essa reflexão:

Bem, estou hoje num espaço que me proporciona liberdade para buscar respostas por mim mesma e com isso estou começando a me conhecer melhor. Parece que perdi tanto tempo de minha vida fazendo apenas o que a escola queria que eu fizesse... ao mesmo tempo, às vezes sinto tamanha insegurança. Mas os desafios me impulsionam o tempo todo e não posso parar! Mesmo porque a teoria está ajudando a minha prática e vice-versa. (MOURA, 2016)

Assim é fundamental que o didoscente e o dodiscente, conforme preconiza Paulo Freire, ao destacar que o professor aprende enquanto ensina e o estudante ensina enquanto aprende, se desenvolve num processo complexo de emancipação que se caracteriza, em dinâmica permanente de espiral e de metamorfose, que se constituem em vida como emancipação e dignidade social e planetária. Esta reflexão evidencia que para alcançar esse fim é preciso descobrir os propósitos pessoais de libertação, autonomia e emancipação nesta sociedade competitiva e excludente, para superar os interesses individualistas e sectários.

5- Autonomia, emancipação e cuidado em contexto de vida emancipada

Ao se construir um memorial como processo auto-biográfico, fica evidente inúmeros momentos da vida permeados e sintonizados por autonomia e emancipação. Essa possibilidade caminha junto com impedimentos e cerceamentos desenvolvidos por diferentes fatores na história de vida de cada pessoa, disposta a fazer um mergulho crítico ao que constitui sua personalidade atual.

A memória é um elemento fundamental para alcançar emancipação manifesta como metamorfose, por meio da qual se evidenciam decisões seguras e firmes de mudanças sem retorno. A borboleta não volta a ser lagarta (KEIM, 2016) da mesma forma que uma sociedade não retorna aos seus primórdios, assim como cada célula da lagarta se modifica

para ser célula de borboleta, cada pessoa como célula da sociedade, deve se conscientizar da responsabilidade de ser integrado nessa dimensão da vida. Essa condição, diferente das células da lagarta, deve ter consciência de que a metamorfose está ocorrendo com todo o seu conjunto, e essa conscientização implica em cada pessoa desejar e concordar em ser parte de uma sociedade bela e luminosa como a borboleta, ou uma lúgubre, noturna e assustadora mariposa noturna. (KEIM, 2016)

A história de vida, com o tema de estudo para alcançar emancipação, incorpora registros memorizados de como a vida familiar, a vida com base nas relações sociais e como a convivência com os ambientes escolarizados, na condição de estudante e de docente, constituem a atual condição de ser adulto e profissional docente.

Esse conjunto de constatações pode caracterizar a motivação do docente, para identificar que os conhecimentos se consolidam em práticas transformadoras, quando se fortalecem em valores que aprimoram a existência. Assim, com o passar dos anos e as sucessivas trocas de turmas e com novos estudantes e novas realidades pessoais e coletivas, cada docente é desafiado a promover e a aceitar mudanças, tanto dos conceitos quanto das posturas, sem subestimar o passado, e sem supervalorizar propostas emergentes. A sabedoria do docente está na lucidez com que decide como alcançar mudanças que promovam resultados de humanização mais relevantes.

Assim temos que todos os recursos e tentativas que priorizem a emancipação da vida com base na autonomia e no cuidado podem ser considerados válidos. Enfim a vida nos proporciona mudanças de atitudes, de olhares, de métodos e de processos, os quais acrescentam muito, ao que se foi, promovendo metamorfoses, de forma que não podemos voltar a ser o que fomos. Dessa forma toda mudança se constitui em processo e os resultados não são imediatos, pois há muitos pormenores em questão, os quais geram questionados, os quais alimentam argumentos, que permanecem em discussão para futuros encontros.

No contexto da diversidade de conhecimentos com a decorrente complexidade, o domínio no início da carreira docente, de certas teorias, rotula um modo de ser docente, mas o cotidiano desafiador da vida em relação no contexto da escola, faz com que o docente procure novos caminhos teóricos, que contribuirão para seu aprimoramento na capacidade de dar novas respostas a problemas antigos, a dar novo enunciado a problemas já superados e a perceber novos desafios antes invisíveis. Nesse processo estão as crianças com suas diferentes fases de desenvolvimento e com suas múltiplas e complexas personalidades, constituindo a socialização para docentes e estudantes como o reconhecimento de um redemoinho altamente desafiador.

Assim, nesse contexto completo e inacabado está o docente, que seguro de seus propósitos caminha para alcançar o que sua vocação, mente e coração comandam, mediados por seus saberes, vivências e conhecimentos.

Com a gama de referenciais teóricos existentes os docentes são desafiados a fazer escolhas, e essas têm sempre aporte político e ideológico, o qual muitas vezes não combina com a matriz teórica e ideológica das autoridades que regem a dinâmica educativa, gerando desafios e conflitos que desgastam, mas também aprimoram o ser docente. A gama de fundamentações teóricas disponíveis, devem ser pautadas nas convicções pessoais e do coletivo com o qual o professor está lidando, e é nesse sentido que libertação, autonomia, emancipação e dignidade se caracterizam como referencial nesse texto.

Há um versículo da Bíblia que diz: Pois ainda que “Eu fale o que o homem quer ouvir, se não tiver amor de nada valerá”, e reforçando essa premissa cabe recordar a canção revolucionária da década de 1970 “Pra não dizer que não falei das flores”, cabe como exemplo de como a amorosidade, pode se caracterizar como arma de enfrentamento à tirania e barbárie política, vigente em cada época mas com diferentes roupagens. Cabe assim, destacar o refrão que diz... “Vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer...”. Essa referência aponta que a Educação vem ao longo dos anos passando por transformações e que os docentes, enquanto agentes dispostos e disponíveis à transformação, diretamente ligados e responsáveis pela formação de uma cidadania planetária que rompe muros e fronteiras, não podem esperar, devendo mudar suas atitudes para mudar a história.

E há momentos, nos quais o docente se expõe e fica por certas vezes numa situação desconfortável diante de divergências, ocorridas em escolas nas quais trabalham, elas formam sinais indicadores de que se está atuando dentro de uma política de libertação, que permite questionar e argumentar. Nesse movimento, apesar de contraditório, é possível crescer como coletivo, pois escolas devem ser vistas como instituições de formação para a vida e não para a alienação e naturalização, e o sucesso que o docente pode almejar é a conquista de um planeta habitado por pessoas mais humanizadas.

Alcançar esse propósito implica em alçar voos mais altos e para tal é fundamental que a dinâmica docente seja caracterizada como processo interdisciplinar que se caracteriza como agente que estabelece interações entre os muitos olhares que constituem saberes, fragmentados a partir da premissa moderna de dividir para compreender o todo a partir de suas partes. Dessa forma se tem a interdisciplinaridade como recurso que atende à preocupação com o ser humano que é responsável pelas suas atitudes, as quais se caracterizam como agentes transformadores da sua própria história. Essa condição implica

que esteja consciente de forma crítica, aos acontecimentos do mundo, na perspectiva da essência da sua existência.

A dinâmica interdisciplinar implica em que a pessoa, além de consciente do que ocorre e das interações que ocorrem entre elas, para recuperar o sentido do todo, depende da capacidade de a pessoa estar aberta para as mudanças, no que se refere ao estabelecido como verdadeiro, o que, segundo Ivani Fazenda (1995) “verdade científica de hoje não significa que será verdadeira amanhã”. Assim a interação das partes para a compreensão do todo pode ser compreendido de tal forma que o conhecimento se apresenta como algo inacabado, inconcluso e incompleto, conforme Paulo Freire, permitindo ao indivíduo pelear seus saberes numa visão crítica e autocrítica.

Essa dinamicidade, permite a compreensão de que as ações de cada pessoa, poderão influenciar futuramente a vida de toda a humanidade. Segundo Paulo Freire: “A Educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.” (1992) Partindo desta argumentação, percebemos que, tanto a Filosofia quanto a História servem de referencial para se refletir sobre as atitudes e valores docentes, o que Eduardo Galeano, aponta ao destacar que “a história é um profeta com olhar voltado para trás: pelo que foi, conta o que foi, e anuncia o que será”. (1985)

Nessa perspectiva é importante realçar que a interdisciplinaridade implica em promover interação cognitiva, afetiva, ética, moral, política e tantos outros referenciais do saber e das relações humanas, para evidenciar a construção do conhecimento para melhor compreender o mundo, e tudo à sua volta. Nesse sentido Ivani Fazenda diz que “Interdisciplinaridade não se ensina, não se aprende, apenas vive-se, exerce-se e por isso exige uma nova pedagogia, a da comunicação” (1979:108), dessa forma a interdisciplinaridade se caracteriza como postura a ser vivenciada na prática, sendo amparada no diálogo e referenciada em argumentos teóricos consistentes. Ela se constitui em prática responsável, pressupondo uma atitude engajada e um comprometimento pessoal no coletivo, caracterizados pela singularidade e a pluralidade mediada pela alteridade como propõe Hannah Arendt (1972XX). Nesse viés vem Paulo Freire ao destacar que a educação é política por ser interdisciplinar, pois não se pode prescindir da postura de que a todo tempo as pessoas ensinam e concomitantemente aprendem.

Atualmente este termo está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Esse documento enfatiza a diversidade e as transformações sociais, como meio em que o conhecimento pode ser mediado de forma mais ampla, mas cabe destacar que “Quanto mais

se desenvolvem as disciplinas do conhecimento, diversificando-se, mais elas perdem o contato com a realidade humana. ” (GUSDORF in JAPIASSU, 2001:13). Diante dessa perspectiva Hilton Japiassú (in FAZENDA, 1991: 74) destaca que a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.

Para Ernesto Jacob Keim, (2015) a interdisciplinaridade em sua abrangência se desenvolve com base em referenciais de Relações e referenciais de Conhecimentos. Ele entende que referenciais de relações se caracterizam como aspectos no processo de vida, caracterizados como ações e intenções, que ocorrem no cotidiano. É a interdisciplinaridade manifesta pela honestidade, responsabilidade e comprometimento dos docentes, com a formação dos estudantes na perspectiva da autonomia e do cuidado para alcançar a emancipação.

Esse autor também compreende que a interdisciplinaridade ocorre além das relações, na medida em que referenciais de conhecimentos se caracterizam como temas e proposições por meio dos quais, cada disciplina repercute sobre os demais aspectos que se mostram como matrizes de conteúdos e elementos formadores de processos, métodos e posições que promovem ampliação de conhecimentos e saberes. Esses referenciais de conhecimentos são para Keim, construídos com base em três pilares, Tempos, Espaços e Diálogo de Saberes, em torno dos quais os conhecimentos se organizam como processo de interação e mediação.

Considerações Finalizadoras

Este trabalho teve como propósito trazer uma abordagem que promovesse reflexões e compreensões de como autonomia e cuidado se manifestaram como agentes de emancipação, quando presentes nos diferentes contextos sociais e políticos nos quais se constitui a vida contemporânea. Essa proposição tem lugar nas relações de família, sociedade e profissão, ou seja, na vida enquanto pessoa, de tal forma que a história de vida, manifeste-se como registro permanente na busca e consolidação de dignidade, a qual se caracteriza como conquistas e não como algo dado, oferecido e ofertado.

Ao analisar o que caracteriza a pessoa com autonomia, e emancipada com vida cidadã, encontramos de forma evidente que a educação, tanto familiar, quanto social, como escolar podem desenvolver ou reprimir, essa condição a que todo humano tem como direito inegociável. Partindo dessa premissa temos que a educação segundo Paulo Freire, muda a pessoa e as pessoas mudam o mundo, dessa forma se a educação desenvolver posturas que

coloquem as pessoas em sintonia com a barbárie, teremos um mundo em que prevalecerá a barbárie, mas em contrapartida se a educação formar pessoas ciosas de liberdade, autonomia e emancipação, poderemos vislumbrar um mundo em que esses aspectos, possam promover vida com dignidade, para superar a miséria e a degradação humana.

Como apontamento final desse texto, cabe destacar ainda a importância de cada pessoa buscar em suas lembranças como se deram, em suas vivências familiares, sociais e escolares, os momentos em que foram relevantes os temas tratados nesse texto. Essa proposição tem o objetivo de animar uma reflexão de como foi o passado para a organização e compreensão do futuro de cada pessoa na posição de ente familiar, social e docente. Nessa reflexão é importante considerar em que circunstâncias e sob que forças e poderes a autonomia e o cuidado foram tratados como agentes da emancipação, capaz de culminar com ações e posturas dignificantes da vida como bem maior.

Na investigação referente à história de vida pode ser interessante identificar como os referenciais de autonomia e de cuidado estiveram e estão presente, e de que forma, foram e são negados em suas vivências passadas, para encontrar subsídios para lidar com os desafios a serem enfrentados no futuro imediato. Assim, como fazer para superar o que a família, a sociedade e a escola desenvolveram como processos de formatação e como processo de formação de autonomia, emancipação e cuidado, para ter a vida, como anúncio de vida com dignidade, mediada pela amorosidade e a partilha.

Ainda como finalização cabe destacar que este texto teve o propósito de apontar como a intensificação, a sensibilização e o ritmo próprio de cada evento, evento e circunstância da vida, estão presentes na perspectiva da autonomia e do cuidado. Nessa dimensão cabe solicitar que esses três aspectos sejam considerados como elementos necessários para superar a ilusão de a vida ser um grande espetáculo circense, onde os trapézios são os movimentos representativos dos desafios de cada dia, tendo, como é próprio da consciência ingênua, asséptica e romântica, a ilusão de que existe uma rede de proteção abaixo desses trapézios. Com essa observação, fica a recomendação final de autonomia e cuidado, manifestos nas considerações que a emancipação se dá na medida em cada pessoa se torna capaz de superar o medo e a covardia, para enfrentar o que oprime e o que gera marginalização. Assim, propomos que a pessoa do docente supere a ignorância e a superficialidade gerada pela educação bancária e atroficante, imposta pela escolaridade colonizadora e colonial, engessada pelas grades, redes, parâmetros e eixos, os quais impedem a criatividade e a movimentação para novos horizontes não lineares, de conhecimento e de vida.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escolar reflexiva. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.
- ARENDT, Hannah. **A condição Humana** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- BACH JR, Jonas. **A fenomenologia de Goethe e a Educação em Steiner**. Campinas: FE.UNICAMP, Tese Pós Doutoral, 2015
- BOFF, Leonardo. **Ecologia grito da Terra, grito dos Pobres**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- _____. **Ecologia, Mundialização e Espiritualidade**. São Paulo: Ática, 2000
- _____. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. **Tempo de Transcendência**. São Paulo: Sextante, 2000
- BRASIL, Secretaria da educação Fundamental. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. I, Brasília, DF: MEC, 1997. Apresentação dos Temas transversais e Ética. Vol.8. Brasília DF: MEC, 1997.
- BRASIL. LEI Nº 9.394: Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Promulgada em 20/12/96,
- FAZENDA, Ivani (org.). **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1992
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à uma prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1978
- GALEANO, Eduardo. **As Caras e as Máscaras**. São Paulo: Nova Frinteira, 1985
- GALVÃO Andreia Vicentini; INGLEZ Eliana Delezuk. **O ponto de partida e de chegada de uma prática interdisciplinar**. Ponta Grossa: UEPG, Monografia, 2001.
- JAPIASSU, Hilton. **Deixar de pensar? Nem pensar!** São Paulo: Letras & letras: 2001
- _____. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KEIM, Ernesto Jacob. BACH JR, Jonas. **Educação, Ciência e Fenomenologia amparada em Goethe**. No Prelo.
- KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da Insurreição**. Jundiaí: Pacco Editorial, 2011
- _____. SANTOS, Raul Fernando dos. **Educação e Sociedade Pós Colonial**. Jundiaí: Pacco Editorial, 2011.
- _____. Interações de Rudolf Steiner com a Educação anticolonial. Curitiba: Editora UFPR, Educar em Revista, n. 56, p. 85-100, abr./jun. 2015.
- _____. Power Point **Educação, Fenomenologia, Ciência e Goethe**. Matinhos, UFPR agosto 2015
- _____. **Comunicação oral em orientação**. Matinhos: UFPR, 2016
- MENDES Aparecida Cardoso; SILVA João Barbosa da; CARVALHO Neide Mendes de. **Interdisciplinaridade na Educação Infantil e Séries iniciais**. Foz do Iguaçu: UNILA, Monografia, 2002.

- MOURA, Vanderli Nogueira de. **Memorial de vida docente**. Matinhos PR: UFPR relato em grupo de pesquisa, 2016
- NICOLAU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: TRION, 1999
- NUNES, Cesar Nunes. In KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da Insurreição**. Jundiaí: Pocco Editorial, 2011.
- PASSERINI, Sueli Pecci. **O fio de Ariadne: Um caminho para a narração de histórias**. São Paulo: Antroposófica, 2004.
- SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem**. São Paulo: Iluminuras, 1990
- SCHILLER, A. *Educação Estética do Homem*. Trad. Roberto Schwars e Márcio Suziki. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- STEINER, Rudolf. **A Prática Pedagógica**. São Paulo: Editora Antroposófica, 2000.
- SUNG, Jung Mo. **A idolatria do capital e a morte dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 1989.